



PUC RIO

CONTRIBUIÇÃO AO
ESTUDO DA FORÇA DE EGO

Por

Ana Lúcia de lemos Furtado

MESTRE EM CIÊNCIAS

EM

PSICOLOGIA CLÍNICA

Rio de Janeiro, GB, janeiro de 1974

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

CONTRIBUIÇÃO AO
ESTUDO DA FORÇA DE EGO

por

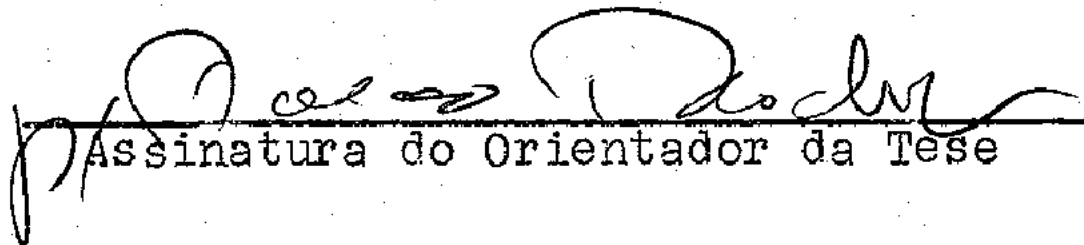
Ana Lucia de Lemos Furtado

Tese submetida como requisito parcial
para a obtenção do grau de

MESTRE EM CIÊNCIAS

EM

PSICOLOGIA CLÍNICA


Assinatura do Orientador da Tese

Rio de Janeiro, GB., Janeiro de 1974

À YONNE

com sincero reconhecimento

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Psicologia da PUC - RJ pelos ensinamentos ministrados que serviram de base às ideias aqui expressas.

Ao Professor Aroldo Rodrigues, uma especial referência pela confiança expressa, o maior estímulo para a conclusão do trabalho.

Ao Dr. Carlos Paes de Barros, pela orientação teórica na configuração global desse trabalho.

À Professora Yonne Moniz Reis por suas ponderadas considerações e à Professora Angela Podkameni, pela palavra clara e sintética que permitiram discussão e crítica dos pontos aqui apresentados.

À Nunciata Cittadino Salda - nha pelo carinho com que se dedicou a tarefa de datilografia e revisão do texto.

Aos familiares, pela leitura paciente do material elaborado e pelas concessões que se fizeram no sentido de facilitar a tarefa aqui empreendida.

SUMÁRIO

As perspectivas desenvolvidas, a partir de Freud em torno do conceito de ego permitiram fosse explicitada a noção de força de ego.

Fez-se uma tentativa de elaboração teórica de tal conceito através particularmente das contribuições de HARTMANN e SCHAFER.

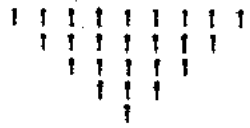
Isso permite seja observado o nível de reversibilidade funcional do ego como indicativo de sua força.

Completando o estudo em questão, procura-se estabelecer ligações com os constructos de: princípio de realidade, processo psíquico secundário e autonomia do ego através do processo de neutralização. Então, a capacidade de neutralizar energias tanto sexuais como agressivas reflete força de ego na razão direta do grau dessa neutralização - essencial ao estabelecimento do princípio de realidade típico do funcionamento do processo psíquico secundário.

Caracterizadas tais implicações, pode-se fazer referência a regressão como meio de identificar força de ego; especificamente a regressão a serviço do ego se apresenta como possível expressão de força de ego permitindo sua aplicabilidade ao diagnóstico e prognóstico.

Esse tipo de regressão trabalhada metapsicologicamente através do modelo atividade-passividade de RAPAPORT, expressa a capacidade do ego no uso de energia de outra instância psíquica para fins adaptativos com retorno subsequente às suas funções típicas.

Finalmente, apontando à abertura experimental e prática do assunto, propõe-se seja usada a regressão a serviço do ego como um indicativo de força de ego no sentido de uma operacionalização desse conceito.



SUMMARY

The perspectives that have been developed since Freud around the concept of the ego made possible the establishment of a clear notion of ego strength.

An attempt has been made to achieve a theoretical refinement of this concept, particularly through the contributions of Hartmann and Schefer.

This allows for the observation of the level of functional reversibility of the ego as a sign of its strength.

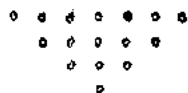
In order to further this study, an attempt is made to form connections with the following constructs: the reality principle, the secondary psychic process, and the autonomy of the ego through the process of neutralization.

Thus, the ability of neutralizing energies both sexual and aggressive directly reflects ego strength in the very extent of this neutralization - which is essential to the establishment of the reality principle characteristic of the functioning of the secondary psychic process.

Then, after presenting such implications, one may regard regression as a means of identifying ego strength; more specifically, regression in the service of the ego is presented as a possible expression of ego strength, thus being applicable to both diagnosis and prognosis.

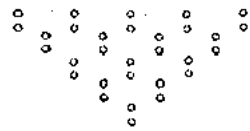
This kind of regression, treated metapsychologically by means of the activity-passivity model devised by Rapaport, expresses the ability of the ego to make use of energy derived from another psychic system with adaptative purposes, and subsequently return to its typical functions.

Finally, in pointing out the experimental and practical aspects of this subject, the use of regression in the service of the ego is proposed as a sign of ego strength, thus contributing to the operationalization of this concept.



ÍNDICE

SUMÁRIO	ii
SUMMARY	iv
INTRODUÇÃO	1
Capítulo I - EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE EGO	3
Capítulo II - EGO E SELF	10
Capítulo III - AMPLIAÇÕES DO CONCEITO DE EGO	19
Capítulo IV - FORÇA DE EGO	32
Capítulo V - REGRESSÃO A SERVIÇO DO EGO	44
Capítulo VI - FORÇA DE EGO NO PROGNÓSTICO PSICOLÓGICO	56
CONCLUSÃO	62
BIBLIOGRAFIA	64



"A consciência aguda de que o conhecimento científico é essencialmente provisional, parece uma exigência primordial da atitude científica."

CARL ROGERS

INTRODUÇÃO

Desde a primeira referência à noção de ego o assunto se mostrou de tal importância dentro do contexto geral dos estudos psicanalísticos que uma sucessão de autores se vem dedicando à pesquisa teórica e casuística em torno do tema. Toda uma escola de psicanálise faz de seu estudo o centro dos trabalhos que desenvolve. E reconhecendo a extensão do significado do termo, chega a propor, através desse, uma ponte da psicanálise à psicologia, ou mesmo uma psicologia do ego como sugere HARTMANN.

Dado o desenvolvimento das explorações sobre o conceito de ego, vão sendo investigados diferentes aspectos do mesmo, o que leva a chamar atenção sobre "força de ego".

O próprio FREUD em "Analysis Terminable and Interminable" (1937), já ressaltara a "força de ego" como fator relevante para o efetivo término do tratamento analítico.

De importância sob o ponto de vista da aplicabilidade, no que respeita a diagnóstico e prognóstico, salienta-se o valor do conceito como índice prognóstico.

A orientação do trabalho parte da revisão conceitual sobre ego, na obra de FREUD a fim de delimitar essa noção, usando a abordagem sistemática proposta por RAPAPORT.

A seguir, é feita uma tentativa de esclarecer o significado de "ego", o que leva a exploração de conceitos limítrofes tais como self, não self, não-ego -- visando de

definições mais precisas.

Isso permite passar ao exame das contribuições principais de ANNA FREUD, HARTMANN, KRIS, LOEWENSTEN, ERIKSON, baseando-se então o contexto adequado ao tratamento do conceito através dos referidos autores.

A partir daí, passa-se a tratar de "força de ego" apresentando estudos teóricos relativos ao assunto, em especial os de HARTMANN e SCHAFER que assinalam a diversidade de aspectos envolvidos no conceito o que dificulta a abordagem do mesmo. Isso torna necessário reduzir a área de discussão através da análise de um dos níveis concernentes ao problema: o intersistêmico. Nesse se expressa o uso das defesas, relacionando à força de ego, sendo de especial significado a regressão.

Completando o estudo em pauta, o conceito de regressão, especificamente "regressão a serviço do ego" (Kris), surge como possível variável indicativa de "força de ego" no prognóstico psicológico.

A fim de proporcionar fundamentação teórica a... "regressão a serviço do ego", é utilizado o modelo atividade-passividade de RAPAPORT, indicadas suas implicações com o conceito de "força de ego" o que encontra apoio nas formulações de SCHAFER.

Em suma, nesse trabalho tenta-se uma discussão e síntese desses dados e argumentos, no sentido de sugerir que a "força de ego" encontra um dos seus meios de expressão através da "regressão a serviço do ego".

CAPÍTULO I

EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE EGO

A importância do conceito de ego é atestada pelo interesse que lhe vem sendo dedicado por numerosas teorias. De especial relevância para o presente trabalho, é a evolução do conceito dentro do quadro de referência da psicanálise.

Freud é o primeiro a formular o conceito a partir de descobertas clínicas e teóricas. As reformulações por que vem passando mostram tanto seu valor heurístico como a dificuldade de uma definição precisa.

Para uma revisão dos pontos principais na obra de Freud relacionados às mudanças sofridas pelo conceito, é necessário uma sistematização. Com base em Rapaport, pode-se considerar etapas: a primeira findando em 1897, considerada pré-psicanalítica; a segunda, até 1923, incluindo a "viragem de 1920", do maior significado na história psicanalítica do ego; e a terceira se estendendo até 1937.

Inicialmente, a contribuição principal se refere ao conceito de defesa e à importância atribuída à realidade externa. Defesa é dirigida contra a memória e reencontro de certas experiências da realidade. Envolve um fator quantitativo que é elevado e deslocado — o afeto. Defesa é então entendida como evitação da experiência de um afeto inaceitável e doloroso. Essa definição delimita o conceito inicial de ego, que se refere indiscriminadamente à pessoa, a "self"

ou à consciência. A consciência é comandada pela massa dominante de idéias, e as memórias incompatíveis com essa massa são dissociadas da consciência pela defesa. Devido a isso, o afeto associado à memória não pode ser dissipado pela rede associativa, sendo obstruído e transformado em ansiedade.

A partir da descoberta de que os relatos de sedução infantil não se referem à realidade externa, Freud passa a se interessar pela fantasia. Investiga sobre o agente criador de fantasias, seus processos de funcionamento, descobrindo as pulsões.

O conceito de defesa é modificado, passando a ser considerado em termos de modalidade de repressão ou como subsequente formação substituta. Pela ênfase dada às pulsões, algumas defesas são tratadas como vicissitudes pulsivas. As próprias funções do ego são concebidas como pulsões, o que leva Freud a afirmar que a repressão é efetivada pelas pulsões do ego.

As concepções de processo psíquico secundário.... (1900), princípio de realidade (1911) e análise do processo de repressão (1915), tem papel central na conceituação de ego.

O processo psíquico secundário é entendido como uma imposição feita ao processo psíquico primário a partir de uma experiência de realidade. Envolve conceitos de relação com a realidade e de consciência, que são fundamentais para a noção estrutural posterior de ego.

O princípio de realidade outorga ao processos psíquicos secundários uma regulação comparável ao princípio

do prazer dos processos psíquicos primários.

Na medida em que o princípio de realidade se impõe, a procura de satisfação já não se efetua por caminhos mais curtos, mas usa desvios e adia seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior.

A análise do processo de repressão revela insuficiências e contradições da concepção topográfica. Freud, citado por Rapaport⁵¹, afirma que a "concepção econômica facilmente derrota a topográfica" (1915). Pelo estudo da regressão, outros aspectos surgem; regressão é vista como uma retirada de hipercatexis e estabelecimento de contra-catexis permanentes, levando a concluir que as resistências trazidas por essas são inconscientes. Isso antecipa a teoria estrutural do ego, que aparece mais tarde.

A noção de ego passa a ter um sentido estritamente psicanalítico a partir de 1920, em decorrência de uma profunda transformação no pensamento de Freud. Surge a delimitação do ego (1923) como instância central de personalidade, designando uma organização coerente de processos mentais que surge de identificações com objetos abandonados. É organizado primariamente em torno do sistema percepção-consciência e incluindo as estruturas responsáveis pela resistência que é inconsciente. O ego tem a seu dispor energias neutras e pode transformar a energia de origem pulsiva em energia própria.

A partir de 1923, surge a definitiva versão do Aparelho Psíquico. Freud abandona a idéia de sistema novo e

sistema antigo (respectivamente Sistema I e Sistema II) da Interpretação dos Sonhos, assim como a da acessibilidade ou não à consciência (1915), passando a se referir aos conteúdos em termos de obediência a Processo Psíquico Primário ou Processo Psíquico Secundário. Discrimina Id, como sede do Processo Psíquico Primário e Ego - do qual superego é parte - como sede de Processo Psíquico Secundário.

Nesse período fica também assinalada a gênese do ego. Quanto à consciência, passa a ser conceituada como qualidade mental das estruturas e funções do ego. Essa concepção apresenta falhas que Rapaport aponta, das quais assinalamos como relevantes: - o ego ainda aparece como resultante das instigações do id, superego e realidade; o ego ainda é o "cavaleiro desamparado do cavalo id, guiando-o aonde ele quer ir"; o desenvolvimento genético do ego se faz a partir do id; não aparece uma teoria do desenvolvimento de papéis das funções defensivas dentro do ego.

É em 1926, em "The problem of anxiety", que..... Freud desvincula o ego de uma total dependência do id. O ego inicia defesa autonomamente pelo sinal de ansiedade, tornando se progressivamente capaz, através do desenvolvimento, a passar da ansiedade experienciada passivamente a uma forma de antecipação ativa. Além disso, usa o princípio do prazer para seus próprios objetivos, tendo grande variedade de defesas a sua disposição; finalmente estabelece relações com a realidade, o que permite controlar as pulsões quando a ação proposta

por elas possa levar a perigo real.

Desse modo, realidade ocupa lugar proeminente na teoria. Ficando implicado um conceito de adaptação, surge solução unitária para as relações do ego com realidade e com as pulsões, embora adaptação aqui se refira exclusivamente às pulsões.

Mesmo assim, adaptação fundamenta o conceito de autonomia do ego, apontando os mecanismos perceptuais e afetivos constitucionalmente dados, como caminho desta autonomia. Além disso proporciona base para uma teoria epigenética dos aspectos do ego relacionados a ansiedade, no sentido de transformação de respostas passivas do ego a processos iniciados no ego, nos quais este assume papel ativo. Uma vez salientado o papel da realidade, Freud amplia as características do ego e lhe dá nova perspectiva. Em uma de suas últimas obras, "Esquema del Psicoanálisis"¹⁸, assim se expressa:

"He aquí las principales características del yo: como consecuencia de la conexión preestablecida entre senso percepción y actividad muscular, el yo gobierna los movimientos voluntarios. Su tarea es la auto afirmación y la realiza en un doble sentido: frente al mundo exterior actúa con cautela frente a los estímulos, acumula (en la memoria) experiencias sobre los mismos, evita (mediante la huida) los estímulos excesivamente intensos, se relaciona (por medio de la adaptación) con los estímulos moderados y, por último, aprende a modificar el mundo externo en provecho propio (por medio de la actividad). Por otra parte, frente a los acontecimientos internos relacionados con el ello, controla las demandas de

los instintos, decidiendo si las puede satisfacer, si conviene aprazárlas, para momentos y circunstancias mas favorebles del mundo exterior o, si es preciso, suprimirlas enteramente, anulando las excitaciones instintivas".
(p.1012)

A concepção final de ego inclui os conceitos de processo psíquico secundário e princípio de realidade, afirmando explicitamente as fontes inatas do ego independentes das pulsões. Nos seus últimos trabalhos, Freud deu maior atenção ao ego, de tal modo que pode-se dizer que seu sistema transformou-se em "teoria da libido" em "psicologia do ego".³⁹

O conceito de processo psíquico secundário corresponde a uma modalidade de funcionamento do aparelho psíquico.

Do ponto de vista topográfico, caracteriza o sistema pré-consciente/consciente; do ponto de vista econômico-dinâmico, significa que a energia psíquica está "ligada", antes de escoar, de forma controlada, frisando que as "representações são investidas de modo mais estável, a satisfação é adiada, permitindo assim experiências mentais que põem a prova os diferentes caminhos possíveis de satisfação"³⁴ (p.474/5)

O processo psíquico secundário está intimamente ligado ao princípio da realidade, como se pode constatar pela explicitação daquele. O ego garante o funcionamento psíquico de acordo com o princípio da realidade, sendo o órgão destinado a estabelecer domínio progressivo sobre as pulsões - La-

planche e Pontalis³⁴ no vocabulário de Psicanálise citam.....
Freud, ao se referir ao ego dizendo: "Ele (o ego) esforça-se por fazer reinar a influência do mundo externo sobre o id e suas tendências; procura colocar o princípio de realidade no lugar do princípio de prazer que reina sem restrições no id". (p.185).

De todas as considerações feitas sobre a evolução do conceito de ego, evidencia-se o papel desempenhado e sendo a concepção de ego daí decorrente a que se apresenta como mais adequada aos objetivos e à consecução do presente trabalho.

CAPÍTULO II

EGO E SELF

Embora o conceito de ego ocupe posição central nos estudos sobretudo personalidade, críticas tem surgido sobre o excesso de "significado" que lhe vem sendo atribuído. Em contato com os textos sobre o assunto, observa-se que o ego e "self" são com frequência confundidos, além de tratados de maneiras as mais diversas, segundo a posição dos autores. Tentando clarificar tais termos, far-se-á exame mais apurado da questão através de contribuições significativas selecionadas.

Um dos estudos pioneiros é o de Symonds⁶³ (1951). Define ego como um grupo de processos (percepção, pensamento, lembranças, ...) responsáveis pelo desenvolvimento e execução de atividade visando satisfazer impulsos inatos. Chama "self" à maneira como o indivíduo reage a si mesmo - significando o que pensa, percebe, avalia, realça, defende de si mesmo. Admito que haja uma relação entre ego e "self".

Num contexto fenomenológico, Snygg e Coms²⁴..... (1949) admitem que "todo comportamento, sem exceção, está inteiramente em função do campo fenomenológico onde o organismo atua". É nesse campo que está o "self" fenomenal; este corresponde a todas as partes do campo fenomenológico que o indivíduo experimenta como parte ou característica de si mesmo.

A respeito do "self", esclarecem ser composto de percepções relativas ao indivíduo; ao mesmo tempo, a organização dessas percepções tem efeito no seu comportamento. 0

"self" ocupa duas posições simultaneamente: está dentro e está fora do campo.

Com Rogers⁵⁴, "self" passa a conceito nuclear ; corresponde a "experiência de si mesmo", concepção adotada a partir de Standal, e engloba "todos os fatos e acontecimentos do campo fenomenológico que o indivíduo reconhece em relação com o ego" (p.195). A partir daí é que se forma a estrutura experiencial chamada "idéia ou imagem do ego".

Comentando sobre o uso diferencial destes termos, Rogers propõe a expressão "idéia ou imagem do ego" tenha referência a uma "versão subjetiva, vivida pelo sujeito" (p.195) - logo, self.

Estrutura do ego se usa, de preferência, considerando "ego a partir de um marco da referência exterior". (p.196). A discriminação entre ego e "self" é questão do sistema de referência usado.

"Self" estabelece interação do organismo - indivíduo como um todo - com o meio. Neste processo é que se dá a percepção integrada do "self", na medida em que é congruente com a auto-imagem que o indivíduo tem.

É interessante observar o modo como Rogers trata o desajustamento; para ele, é o "self" que se defende contra experiências ameaçadoras, negando-as à consciência. Isso torna a auto-imagem cada vez menos congruente com a realidade orgânica, provocando mais defesas para manutenção dessa falsa imagem que o "self" sustenta. Este vai perdendo contato com as experiências verdadeiras do organismo e a oposição crescente entre realidade e "self" cria tensão.

Em que pese a importância da teoria do "self" de Rogers, permanecem obscuros os conceitos de ego e "self" como entidades diferenciadas.

A mesma dificuldade é encontrada amplamente na obra de Freud, conforme assinala em especial a corrente psicanalítica do ego. A falta de clareza no uso do termo "Ego", em Freud, pode ser demonstrada pelos usos que faz do mesmo:

1. Como aspecto consciente da personalidade, em oposição a aspectos inconscientes;
2. como parte da personalidade (body ego);
3. como personalidade total.

Mesmo depois de formular o conceito de ego como organização topográfica dentro da personalidade (1923), usa o termo em vários sentidos.

Hartmann²⁶ cita Freud: "O ego se apresenta ao id como objeto libidinal", desse modo apontando a necessidade de se introduzir a noção de "self" na teoria psicanalítica.

E ainda Hartmann²⁷ que delimita ego como "subestrutura da personalidade que se define por suas funções" (p. 108). É o órgão específico de adaptação, denominado um conjunto de processos psicológicos -- motilidade, percepção, memória etc. -- que têm a tarefa de testar as propriedades da situação presente e antecipar as propriedades de situações futuras. Freud já assinalara que a relação com o mundo externo é decisiva para o ego, o que serviu de base para a formulação de Hartmann.

Quanto à noção de "self", é examinada a partir do

narcisismo onde Hartmann observa que a energia psíquica é centrada no "self" - e não no ego, como afirmou Freud. Self indica a forma pela qual o indivíduo reage a si mesmo, como se precebe, julga, valoriza, além de suas modalidades próprias de estimulação e defesa.

Enro de uma perspectiva psicanalítica e com apoio concomitante na observação direta de crianças de tenra idade, Spitz⁶¹ propõe que se distinga: Ego, ego e self. Como Freud, considera Ego como estrutura psíquica, dotada de organização direcional e de controle que realiza suas funções com ajuda de um início de conscientização e coordenação neuro-muscular.

Tanto ego como não-ego são conceitos não-analíticos introduzidos por Spitz visando descrever fenômenos observados empiricamente em infantes. Denotam a incipiente consciência do indivíduo de que há algo separado dele - seu ambiente. O ego é o que o infante "sente dentro" e o não-ego é o que "vê fora".

Diz Spitz:

"El yo, por lo tanto, debe ser concebido como un precipitado cognoscitivo de la experiencia. En contraste el yo como sistema, es una construcción de la teoría psicoanalítica"⁶¹(p.143).

Self é o produto da tomada de consciência por parte do indivíduo de que é uma entidade que sente e atua separada e distinta dos objetos e do ambiente. A objetivação do self acompanha a objetivação do outro iniciando uma modalida-

de especial de comprovação da realidade.

Assinala Spitz que a conscientização do infante do "não-ego" surge no ter eiro mes de vida. Nos três meses seguintes é que o infante elabora uma consciência de ego decorrente de ações realizadas em suas relações com o não-ego. Gradualmente vai se estabelecendo uma conscientização do outro, a partir da qual o infante é levado a consciência de si mesmo -- self. O self é também um precipitado cognoscitivo da experiência, num nível de integração mais elevado que o ego. A consciência de si mesmo começa ao redor dos quinze meses, como produto de processos intropsíquicos que são levados a cabo como resultado das vicissitudes das relações objetivas.

Um passo decisivo no tratamento desses conceitos é dado por Jacobson³³. Estabelece comparação entre suas definições e as de Hartmann, no qual encontra fundamento para o conceito de self. Assim, o termo "será empleado, quando nos refiramos a la persona total de um individuo, incluyendo el cuerpo y sus partes como la organización psíquica. y sus partes" ... (p.20).

Partindo de um "self psicofisiológico primário", o ego se desenvolve incorporando representações dos objetos ; gradualmente, pela diferenciação do meio interno e meio externo, "self" se distingue dos objetos. Do mesmo modo, representações no ego se discriminam em "representações de objetos" e "representações do self".

A representação do self no Ego, provém de duas

fontes: incorporação direta das sensações decorrentes da atividade do organismo - tanto psíquico como físico - e da percepção indireta do "self", tomado como objeto do ego.

Encaminhando as relações entre ego e self, Jacobson assinala que a representação do self no ego contém: 1- as características, potencialidades, funções e aparência corporal, sua anatomia e fisiologia; 2- a imagem do ego, dos sentimentos, pensamentos, desejos, impulsos e atitudes - conscientes e pré-conscientes - e a idéia da própria conduta física e mental; o ideal do ego e o superego ideais, escalas de valores conscientes e pré-conscientes, além de uma estimativa do grau de afetividade da auto-crítica; a parte do id que se comunica com o ego; um conceito global desses aspectos parciais mencionados que integram o self numa entidade organizada e diferenciada do ambiente.

Ressaltando a importância do ambiente social, George H. Mead³⁸ considera que o "self" do indivíduo é formado através das atitudes organizadas de outras pessoas; essas atitudes são assumidas definitivamente, determinando a conduta na medida em que é auto-consciente (p.232). É objeto de conhecimento, mais do que um sistema de processos. O desenvolvimento do "self" se dá à proporção que pessoas reagem ao indivíduo como objeto de experiência, levando-o a receber essas reações até que aprende a pensar em si mesmo como objeto, formando atitudes e sentimentos a seu próprio respeito.

Influenciada pelo pensamento psicanalítico além de reconhecer o papel do intercâmbio social na formação da

personalidade Erikson⁴⁸ estabelece:

"Lo que el "yo" refleja cuando ve o contempla el cuerpo, la personalidad y los roles a los que esta vinculado para toda la vida (...) son los diversos si mismos que integran nuestro si mismo compuesto." (.177).

Considera "self" em termos de diversos "selves" , que são quase totalmente pré-conscientes chegando através do "eu" à consciência, na medida em que esta esteja de acordo com aqueles. O "eu" é percebido por sua atividade mas não em si mesmo. Acentando os aspectos inconscientes do ego, frisa, ainda, o significado do ego consciente em sua relação com a existência, dotado do núcleo da auto-consciência humana.

Grimberg¹⁹ examina com maior rigor o problema concernente à diferenciação dos conceitos de ego e self, tomando como base as proposições de Hartmann^{25,26}, Jacobson³³ e Wisdom. Considera "self" como a totalidade da própria pessoa, incluindo o corpo com todas as suas partes, a estrutura psíquica com todos os seus aspectos, o vínculo com os objetos internos e externos, além da auto-consciência. Self abrange : ego e não-ego.

Ego é a estrutura psíquica descrita por Freud: é a organização coerente dos processos psicológicos tendo aspectos conscientes e inconscientes. Através do ego há trocas com o mundo externo assim como modificações no mundo interno. Como em Freud, o ego estabelece a relação de dependência quanto às reivindicações do Id e às exigências do superego e da realidade, tendo portanto uma autonomia relativa. O conceito de

autonomia relativa encontra apoio nas formulações de Hartmann, que por sua vez, se baseia na teoria da Autonomia Funcional dos Motivos¹.

Não-ego se refere aos objetos internos - entre os quais o Super-Ego - e às "representações de objeto" de Jacobson. Quando o não-ego se estende além do self que o contém, se transforma em não-self. Esse, por sua vez, compreende os objetos externos e o mundo externo.

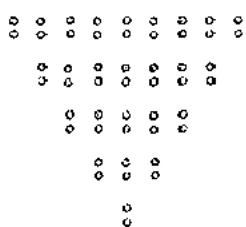
- Assinala Grimberg que é no não-ego que o Ego faz projeções intrapsíquicas, referindo-se ao conjunto de fantasias inconscientes, ligadas aos elementos de representação do self no Ego.

Assim, há um crescente interesse teórico e prático na delimitação do conceito de ego, que é fundamental para compreensão e explicação da conduta humana.

Em suma, ego pode ser entendido a partir de um quadro de referência objetivo que vê personalidade como estrutura, e self pertencendo a um quadro de referência fenomenológico, que vê personalidade como uma experiência. Em outras palavras, ego e self correspondem ao texto e contexto da personalidade.

A partir de uma referência estritamente psicanalítica a definição clara de "ego" e "self" é o ponto de partida para uma revisão sistemática da teoria legada por Freud. Para as finalidades deste trabalho adota-se a colocação básica de Hartmann, acrescida das contribuições de Jacobson e Grimberg - ou seja, ego é entendido como uma instância psíquica cons-

tituída de processos psicológicos que asseguram adaptação ao passo que self é a totalidade da pessoa, incluindo estrutura somática e psíquica além dos vínculos objetivos estabelecidos englobando ainda a auto consciência.



CAPÍTULO III

AMPLIAÇÕES DO CONCEITO DO EGO

Na medida em que Freud estabelece as relações do ego, quer sejam inters-sistêmicas, intrasistêmicas ou apontando à realidade, permite um notável progresso teórico.

Surgem então as contribuições da psicanálise do ego que se referem ao desenvolvimento das idéias incipientes de Freud sobre a origem autônoma, desenvolvimento e funções do ego.

Nesse sentido, principalmente a partir das extensas obras de Anna Freud, Heinz Hartmann, Ernest Kris, Rudolph Leowonstein e Erik Erikson, torna-se possível a formulação de uma teoria das relações com a realidade e também das relações interpessoais.

Anna Freud¹², examinando a função do ego frente as defesas, amplia o papel que as mesmas desempenham integrando-se às relações com a realidade.

É ela que assim se expressa:

"Revertendo a nossa comparação entre os mecanismos de repressão e negação, diremos que a diferença entre inibição e restrição do ego é que, na primeira, o ego defende-se contra seus próprios processos internos e, na segunda, contra os estímulos externos". (p.114).

Aprofundando o estudo da gênese das defesas e do papel dos afetos, Anna Freud amplia decisivamente os fundamentos para uma psicologia psicanalítica do ego.

No que diz respeito à gênese do ego, cabe à..... Hartmann, ao lado de Kris e Loewenstein, postular sobre a diferenciação tanto do id como do ego, a partir de uma matriz comum - a fase mais primitiva, indiferenciada do desenvolvimento.

Aqui já se encontram as origens independentes do ego, que são os dispositivos perceptivos, mnemônicos e motores designados como "aparelhos de autonomia primária".

Esses aparelhos, assim como a relação que estabelecem entre pulsões e seus objetos, são os meios de garantir filogeneticamente uma coordenação com a realidade externa. Esta coordenação corresponde a um "estado de adaptabilidade" anterior e independente de qualquer situação conflitiva; é necessário frisar que esse estado de adaptabilidade do organismo a um ambiente médio expectável é um dado primário.

Estritamente falando, então, o recém nascido normal e seu "ambiente médio expectável" são adaptados um ao outro desde o primeiro momento de vida. Esta adaptabilidade implica em potencialidade para posteriores processos de adaptação. Tanto a adaptabilidade inicial como os processos de adaptação estão relacionados com uma estrutura social.

A formação de um conceito psicanalítico de adaptação leva a justapor dois aspectos: um processo de adaptação com referência a uma situação futura, e um estado de adaptabilidade, que pode referir-se ao presente ou ao futuro.

Finalmente, a adaptação se torna possível quando o ego passa a considerar a realidade no pensamento e na ação.

Em outras palavras, o princípio de realidade se estabelece.

Observa-se que certas estruturas e funções do ego, originadas no conflito psíquico, chegam a obter uma autonomia relativa das pulsões a que estão inicialmente associadas. Através do conceito de "mudança de função", Hartmann, Kris e Soewenstein explicam a autonomia relativa designando a essas estruturas como aparelhos de autonomia secundária".

O fenômeno da "mudança de função", muito conhecido em psicanálise corresponde a passagem de um tipo de comportamento originado em uma instância psíquica, no decurso do desenvolvimento, a outra, desempenhando papel diferente. Por exemplo: uma atitude que surgiu originariamente a serviço da defesa contra uma pulsão, pode, no decorrer do tempo, converter-se numa estrutura independente dessa sua origem, adquirindo significado por si mesma. Então, uma conduta pode servir a outras funções (adaptação, síntese, etc.) como estrutura relativamente independente. Também pode, através da mudança de função, converter-se de meio em objetivo, o que é do mais amplo significado em termos dinâmicos.

A "mudança de função" e os "aparelhos de autonomia secundária", estão conceitualmente vinculados com a "automatização" e a "neutralização" merecendo um exame a seguir. Essas noções fornecem bases para uma "teoria de autonomia relativa do ego" - uma das teses centrais de Hartmann.

Para elucidar o conceito de automatização, é interessante seguir as afirmações de Hartmann, citado por Rapaport⁴⁸ - "In adults they [the motor apparatuses] are organi

sed for certain achievements. In well - established achievements... the integration of the somatic systems involved in the action is automatized, and so is the integration of the individual mental acts, involved in it. With increasing exercise of the action its intermediate steps disappear from conscious. Not only motor behavior, but perception and thinking, too, show automatization. Exercise automatizes methods of problem-solving just as much as it does walking, speech, or writing ... The place of these automatisms in the mental topography is the preconscious... the term "automatism" here is applied only to the somatic and preconscious ego apparatuses... In using automatisms we apply means which already exist, which we need not create anew at every occasion and consequently the means-end relations in some areas are, so to speak, "not subject to argument"... these apparatuses achieve what we expect of any apparatus: they facilitate the transformation and the saving of energy". (p.605).

Desse modo, automatização é o processo pelo qual a estrutura dos aparelhos é constituída e pelo qual a "mudança de função" é efetuada.

Por outro lado, o conceito de neutralização (Kris) Hartmann; (1950,1955) generalizando a teoria das hipercategorias de Freud (1900/1915/1923) permite ao menos uma resposta conceitual à questão da origem das energias do ego. Assim permite clarificar as relações entre energia móvel e energia ligada. Exprime, dinamicamente, a distinção entre processo psíquico primário e secundário. No primeiro, a energia diz-

se livre ou móvel na medida em que se escoia para descarga do modo mais rápido e direto possível; no processo secundário, a energia é ligada, na medida em que seu movimento para a descarga é retardado ou controlado -- caracterizando nível mais elevado de estruturação psíquica.

O paradigma da neutralização é o processo descrito inicialmente por Freud (1923) dizendo respeito especificamente a energia sexual; de acordo com esse, as identificações com o objeto perdido são constituídas em estruturas do ego, a partir da perda do objeto que é tomado como modelo. Essas identificações recebem investimento energético do id o que faz com que a energia reverta à disposição do ego. Hartmann, ampliando o pensamento original de Freud, estende esse padrão a energia agressiva também. Pode-se, então falar em "desagressivização" assim como Freud falara em dessexualização e sublimação.

Hartmann e Kris, citados por Rapaport, sugeram que as energias neutralizadas podem originar-se não só de modo secundário como também por uma fonte independente, representada pelos "aparelhos de autonomia primária do ego", assim se expressam:

"We assume that ones... (the ego) is formed it disposes of independent psychic energy, which is just to restate... (that) the independent psychic system. This is not meant to imply that... the process of transformation of instinctual into neutralized energy comes to an end, this is a continuous process." (p.605).

Acrescentam que as energias podem se neutralizar

em vários graus.

A formulação de Hartmann de que os aparelhos automatizados "facilitam a transformação e economizam energia" e a sugestão de Freud de que "as identificações das estruturas do ego é que realizam neutralização", sugerem a formação da estrutura dos aparelhos de autonomia secundária e o processo de neutralização da energia estão estreitamente relacionados.

De maior interesse em psicanálise, o problema da adaptação é abordado por Hartmann através de uma teoria que estabelece preceitos sobre as relações com a realidade.

Sublinha em particular, a importância do relacionamento social. Considera sociedade não apenas como um agente repressor — imposto durante o desenvolvimento do ego. Hartmann declara que "na sua prolongada impotência o infante é dependente da família, quer dizer, de uma estrutura social que (...) preenche também funções biológicas".

Cita a afirmação de Anna Freud: "para a criança pequena o mundo externo é um poderoso aliado contra suas pulsões", acrescentando que isso se relaciona à demorada assistência parental oferecida à criança.

Frisa Hartmann²⁵:

"É de particular importância para nós que a prolongada impotência do infante se relacione com o fato de o homem adquirir uma parte crucial dos seus processos de adaptação através da aprendizagem. (p.28).

Além disso, considera o fato de que a estrutura da Sociedade decide (particularmente mas não exclusivamente,

através de seus efeitos na educação), quais as formas de comportamento que terão maiores possibilidades de adaptação.

Cada situação exigirá diferentes formas de comportamento, realização, modos de vida, e equilíbrios.

Pode-se descrever o fato de que a estrutura social determina, pelo menos em parte, as possibilidades adaptativas de certa forma de comportamento". (.30).

Em "Psicologia do Ego e o Problema da Adaptação" afirma ainda: "não entendemos por adaptação apenas a submissão passiva aos objetos e metas de sociedade mas também uma colaboração ativa para que eles se realizem, assim como as tentativas para modificá-las".

Enfim, adaptação é entendida como uma relação recíproca entre o organismo e seu meio, em que de um lado o ego é o órgão de adaptação e de outro a sociedade se comunica com o ego por meio da "complacência social". Essa é uma forma especial de "transigência" do meio que está implícita no conceito de adaptação; além disso, desempenha um papel relevante no desenvolvimento normal e em particular na primitiva organização social do meio infantil.

O organismo se adapta a uma sociedade para a qual está "pré-adaptado" e que vai sendo modada por ele próprio e seus predecessores. Nas palavras de Hartmann²⁵:

"O homem não tem de enfrentar e chegar a acordo com o seu meio em cada nova geração começando tudo pelo princípio; -- a sua relação (do homem) com o meio é garantido além dos fatores de hereditariedade -- por uma evolução pecu-

liar ao homem, a saber, a influência da tradição e sobrevivência das obras realizadas pelo próprio homem (que) tornam-se fatores de continuidade, de modo que (o homem) vive, por assim dizer, tanto na geração passada como propriamente sua". (p.29).

Com a ênfase dada ao papel das relações sociais a través da teoria de adaptação de Hartmann, surge um trabalho dos mais originais no campo de psicanálise do ego. São as formulações de Erikson que levam a estabelecer uma teoria psicossocial específica, primeiro estudo do gênero de que se tem notícia, oferecendo complemento às idéias antes expostas.

O estudo de Erikson é centrado na epigênese do ego (1937), na teoria das relações com a realidade (1945), e na elaboração teórica sobre o papel da realidade social. Acentua que lida com os aspectos egóicos e sociais das relações objetais interpretando o desenvolvimento em termos de "desenvolvimento do eu", através de estágios psicossociais, cada um sendo um período crítico em potencial.

Para Erikson, "crise" significa: ponto de vulnerabilidade, aspecto emergente característico de ocasiões decisivas, de momentos de opção entre o progresso e a regressão, a integração e sujeição. A elaboração das "crises" que surgem em cada fase repercute em todos os aspectos da vida do indivíduo.

O desenvolvimento é representado sob forma de um diagrama epigenético, num sistema de etapas reciprocamente de

pendentes, o que ao mesmo tempo indica a seqüência do processo, deixando lugar às variações possíveis em ritmo e intensidade, mas sempre vendo cada etapa dentro da configuração total.

Os pressupostos básicos subjacentes a esse diagrama são: 1)- a personalidade humana se desenvolve de acordo com etapas predeterminadas, por meio da disposição do indivíduo para se deixar dirigir no sentido de um raio social cada vez mais amplo para tomar consciência e interatuar socialmente; 2)- a sociedade tende a se construir: a) de modo a que satisfaça e provoque essa sucessão de potencialidades, que visam integração; b) através de tentativas de salvaguardar e ativar a seqüência evolutiva apropriada. Nisso consiste a "manutenção do mundo humano".

Para Erikson, o conceito de ego corresponde a uma configuração expressa pelo termo "identidade do ego". Esta concepção serve para integrar as contribuições somáticas, libidinais, egóicas e sociais na epigênese.

Nos estudos antropológicos, através de observações dos Sioux e Yurik, Erikson conscientiza a necessidade teórica de um conceito explícito de ego que integre os modos orgânicos e configurações modais por um lado, e a tradição social, instituições e economia, por outro lado, Erikson (1945) escreve, segundo citação de Rapaport⁴⁸:

"Clinical descriptions, i.é., the description of one or several successive segments of a historical process defines every item of human behavior according to at least the-

ree kinds of organization:

(1) - The biological one, which reflects the nature of the human organism as a space-time organization of mammalian organ-systems (evolution, epigenesis, pregenitality).

(2) - The social one which reflects the fact that human organisms are organized into geographic-historical..... units.

(3) - The ego principle reflecting the synthesis of experience and the resulting defensive and creative mastery (ego development).

None of these principles can "cause" a human event; but no human event is explained except by an investigation that pursues the Gestalten evoked by each principle in constant relativity to the two others". (p.616).

Aqui, fornece uma concepção metapsicológica solicitando análise de cada comportamento através de diversos pontos de vista, sincronicamente.

O primeiro e o terceiro princípios de organização, grosseiramente correspondem a clássica tríade encontrada em Freud: "topográfica, dinâmica, econômica"; seu segundo princípio apresenta um ponto de vista adicional, o meio social, explorado mais tarde em trabalho de Papaport e Gill⁵³.

No sentido de compreender a totalidade do ciclo vital através de um diagrama epigenético, precisa-se ter em mente que cada fase de epigênese tem a missão de integrar: aspectos da maturação somática, modos orgânicos, desenvolvimento da libido, modalidades sociais e relações com instituições

sociais específicas da fase.

O esquema diagramático evidencia uma progressão através do tempo e uma diferenciação cada vez maior. Indica que todo aspecto "crítico" de segurança psicossocial, está relacionado com os demais dependendo do desenvolvimento adequado da seqüência. Assinala ainda que qualquer aspecto existe de alguma forma antes de sua emergência no momento crítico esperado.

Em cada etapa o indivíduo está preparado para o encontro com seu meio ambiente, o qual é chamado a transmitir suas idéias e conceitos particulares de autonomia e coerção, de maneira a contribuir para formação do caráter individual na cultura. É esse encontro e a crise resultante que Erikson tenta descrever nas etapas evolutivas que formula.

As fases do ciclo vital propõem tarefas específicas cuja resolução se dá em termos bipolares de êxito ou fracasso. Esses dois polos mostram que a "personalidade trava combate continuamente com os perigos da existência, tal como o metabolismo do corpo luta contra a deteriorização". (p.251).

Examinando as possibilidades de obtenção de um ou outro resultado, observa-se que ocorrendo êxito há elaboração da "crise" com incorporação positiva do "eu", o que contribui para o desenvolvimento posterior satisfatório; no caso de fracasso, há persistência do conflito ou resolução insatisfatória com incorporação da qualidade negativa do "eu", trazendo prejuízos ao desenvolvimento. As resoluções, sejam de um tipo ou outro, dederem de um conceito explícito do equilíbrio

entre extremos - "crises psicossociais" - culminando em "virtudes básicas".

Essas, assim se chamam porque sem sua emergência de geração a geração, os sistemas de valores perderiam o significado e a persistência.

Em suma, a contribuição de Erikson consiste na reorganização sistemática de teoria psicanalítica à luz dos estudos da antropologia cultural e das configurações típicas dos jogos infantis, que estudou profundamente. Ressalta o papel decisivo do momento histórico até na evolução das ciências formulando assim uma autêntica "teoria psicanalítica social" do homem.

Sintetizando tais formulações da psicanálise do ego, considerados principalmente os trabalhos de Hartmann e Erikson, é útil ressaltar a convergência e complemento que um oferece ao outro.

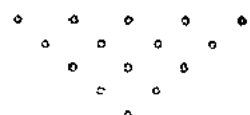
O papel da sociedade no desenvolvimento do ego, mostra um acordo básico entre ambos, a partir de alguns pontos:

- 1) - há estruturas inatas e dados motivacionais para o desenvolvimento do ego;
- 2) - há um plano epigenético maturacional que regula o desenvolvimento do ego;
- 3) - tal plano envolve seqüências de processos psicológicos básicos que não são totalmente independentes do meio ambiente específico no qual o desenvolvimento tem lugar - logo, desenvolvimento do ego, que é o órgão de adaptação

do homem; consiste em uma série de readaptações que se estabelecem por meio de intercâmbio recíproco entre o ego e o meio geográfico e social.

Hartmann está mais voltado aos processos psicológicos básicos, relativamente isentos de influências ambientais, enquanto Erikson prefere uma explanação do comportamento envolvendo um ponto de vista psicossocial, de acordo com o qual em princípio cada comportamento está envolvido em influências sociais.

Finalmente, com essas descobertas e postulados da psicanálise do ego, há um enriquecimento considerável, particularmente no plano conceitual, e é esse contexto que oferece base ao desenrolar do termo central proposto.



CAPÍTULO IV

FORÇA DE EGO

Força constitui uma das noções fundamentais de mecânica e de toda física, sendo um conceito intuitivo. Pelas propriedades explicativas que oferece, o constructo tem sido usado em psicologia e psicanálise dentro de diversos sistemas, dos quais se destacam os de Lewin e Freud.

Usando o conceito de força, Lewin^{35,36,37} frisa que seu significado em psicologia é diferente o atribuído em física, isso porque as leis que regem as forças psicológicas e as físicas são diferentes. Ressalta o caráter dirigido das forças psicológicas que se acentua em sincronia com a diferenciação gradual do espaço de vida; procede à análise de tipos de força designando forças impulsoras - as que provocar locomção em direção a uma valência positiva ou afastamento de uma valência negativa, e forças frenadoras - correspondem aos obstáculos ou barreiras à locomição.

Na situação de tensão, as forças psicológicas afetam as regiões centrais da pessoa, atuando através da motivação. O efeito dessas forças depende em geral das propriedades específicas do sistema motor da pessoa, e em parte da relação entre o sistema motor e as regiões intrapessoais.

Para Lewin, a compreensão das forças psicológicas envolve estrutura e propriedades do meio e da pessoa.

Freud usa o conceito de força na metapsicologia

dentro do ponto de vista dinâmico. Afirma que o sistema des_ucarrega energia de um determinado modo, tendo uma direcionalidade, o que permite fazer escolha. Assim, há seletividade de uma conduta com abandono de outras, o que é feito por acréscimo de barreiras topográficas. Mais precisamente, o ponto de vista dinâmico é montado onde há uma estrutura, denotando apenas direcionalidade.

Essas considerações explicam em parte, porque o conceito da "força de ego" ainda não recebeu uma definição satisfatória. No entender de Hartmann, embora a "força de ego" possa se expressar na área conflitiva do ego, guarda estreita relação com a área não conflitiva.

White cita Hendrick⁶⁴ (1934) que equipara o grau em que se pode psicoanalisar pacientes à "potencialidade egóica" ou "força de caráter"; em linguagem usual se refere a algo como capacidade para voltar e fazer nova tentativa; em termos técnicos, designa capacidade para tolerar frustração e tensão emocional, prosseguindo o tratamento psicoanalítico.

Dentro de uma abordagem clínica psicopatológica, Fenichel¹⁰ (1938) se referia a ego mais forte como aquele que se desenvolve menos na direção das medidas defensivas e sofreu menos alterações conducentes a seu próprio empobrecimento. O ego só pode tolerar a tensão, julgar com validade e controlar os conflitos inevitáveis de modo flexível e eficiente quando se encontra em plena posse de suas energias.

Glover (1956) afirma que quanto mais os núcleos do ego estejam possuídos de libido, energia proveniente do id,

tanto mais débil será o ego, logo maior o risco de desintegração da personalidade. Examinando a relação do ego com os outros sistemas psíquicos, Glover citado por Hartmann²⁸ assinala que a força do ego, seja habitual ou circunstancial, obedece exclusivamente ao grau em que o ego seja ou não invadido pelos outros sistemas.

Hartmann cita diversos elementos que podem ser relacionados a "força de ego", tais como força pulsiva, tolerância ao desprazer, concluindo por frisar as dificuldades que encontra na definição do termo. Numberg sugere considerar "força de ego" com relação a situações perfeitamente circunscritas.

Erikson⁹ analisando o desenvolvimento do ego ao lado das mudanças históricas, fala na fraqueza do ego a patologia social. Um ego fraco não ganha força substancial mesmo sendo amparado continuamente; um ego forte, seguro em sua identidade por uma sociedade forte, não precisa e até chega a ser imune a qualquer tentativa de reforço artificial.... (p.47). A tendência de um ego forte é estar o que sente real, dominar aquilo sobre o que age, compreender o que comporta necessário, enfim viver a vida em sua plenitude; no plano social, tende a criar um forte reforçamento mútuo com o outro num ego grupal que pode transmitir sua determinação à geração vindoura.

Nesse sentido, "força de ego" tem a ver com as primitivas relações da criança com a mãe; uma vez estabelecida a "confiança básica" há uma base sólida para o desenvolvi-

mento favorável posterior. Atingindo ao pólo positivo nas etapas de sua evolução, o indivíduo vai reforçando seu ego cada vez mais. Em suma, o ego forte lida diretamente e efetivamente com problemas psicossociais peculiares às fases de desenvolvimento da história de vida da pessoa.

"Força de ego" para Winnicott⁶⁵, surge das relações objetais da criança com a figura materna, pelo modo como a criança emerge de sua unidade psicofisiológica com a mãe e das identificações primárias.

Pela observação atenta desses aspectos, enfatiza o significado dos momentos iniciais de vida da criança estreitamente vinculados à ligação estabelecida com a mãe. Assinala que as identificações com a figura materna, paterna, pessoas significativas - têm papel importante favorecendo e desenvolvimento da personalidade global. Com o correr do tempo essas identificações vão adquirindo um valor relativo ao estágio da evolução em que o indivíduo se encontra.

No entender de Winnicott a persistência de identificações primitivas permite a criação de uma falsa identidade que não é produto do desenvolvimento natural da individualidade. Tal persistência leva a rigidez de ego, a menos que as identificações iniciais sejam dissolvidas e substituídas por relações objetais reais, capazes de promover um desenvolvimento voltado à afirmação da verdadeira identidade. O processo de abandono gradual de identificações iniciais para emergência de uma identidade própria determina o grau de saúde e de matu-

ridade do indivíduo.

Levando em conta as proposições que vem sendo examinadas, se evidencia a diversidade e amplitude do termo Força de Ego. Esse surge inicialmente a partir da formulação de Hartmann (1939) valendo a pena examinar mais de perto suas implicações dentro desse contexto teórico.

Hartmann^{25,26} assinala que a definição de "força de ego" deve levar em conta os seguintes aspectos:

- 1) - As relações do ego com as outras instâncias psíquicas;
- 2) - as relações entre as funções do próprio ego;
- 3) - as relações do ego com a realidade.

Assinala entre os elementos essenciais dessa definição: -- as funções autônomas do ego, sua interdependência e hierarquia, além do grau e capacidade de resistência ao dano mediante processos de defesa -- esse último um dos aspectos principais a que se refere.

Quanto a relação do ego com outros sistemas psíquicos, um dos fatores relacionados a "força de ego" é o grau de reversibilidade funcional que esse é capaz de se permitir. Assim, as funções do ego como pensamento, percepção e ação, são freqüentemente postas a serviço do id ou do superego.

No caso do pensamento, pode ser usado para gratificação tanto de tendências pulsivas como autocríticas. Em situações patológicas como no pensamento compulsivo, torna-se substituto para a masturbação; em psicoses, nas ilusões paranoídes, é subjugado pelas funções do id e superego.

A percepção também pode ser usada para a gratificação de necessidades pulsiva. Em casos patológicos pode levar a distúrbios histéricos da visão; no sonho e na psicose, é modificada surgindo então fenômenos alucinatorios — percepção sem objeto no mundo externo — evidenciando que a função perceptual pode ser usada tanto pelo id como pelo superego.

Ainda as ações normais podem servir a gratificação pulsiva ou a exigências do superego, negligenciando os interesses do ego. Nos casos patológicos, a interferência desses sistemas pode resultar em sintomas histéricos como a paralisia; em circunstâncias extremas nos estados catatônicos, a atividade motora chega a perder até resíduos das funções do ego, como sua coordenação em atos deliberados.

Então, em condições específicas e não necessariamente patológicas, uma instância psíquica pode expandir sua área enquanto as outras retrocedem; em outras palavras, as funções exercidas por um dos sistemas do aparelho psíquico podem temporariamente ser mais ou menos influenciada pelas funções de qualquer dos outros.

Ressalte-se que o caráter "temporário" das restrições ou alargamento do ego é que o torna imune a uma perda de limites. Essa flexibilidade que permite ao ego usar recursos tão variados, decorre da "força de ego" e por sua vez também reforça o ego, podendo resultar em que esse passe a executar certas funções previamente cumpridas por outras subestruturas da personalidade.

Então se dá uma afortunada integração dessas funções no ego, ao lado da liberação relativa de ansiedade e do reforço da função organizadora.

Ainda com relação ao ego face aos outros sistemas psíquicos, é essencial focalizar as defesas do ego. Tenha-se em mente que o próprio Freud alertou para o papel da defesa que enquanto mostra a força relativa do ego frente as pulsões pode converter-se por outro lado na verdadeira razão de debilidade do ego. A defesa pode esgotar a força de ego; isso é devido não apenas a pulsão contra a qual a defesa é elicitada como também aos recursos que a região interna do ego tem a disposição. Esses recursos podem ser entendidos como energias oriundas do próprio ego ou energias neutralizadas que passam a ficar ao seu dispor.

A capacidade de neutralização desempenha papel decisivo no domínio da realidade. Tanto a formação de objetos constantes e independentes, como a instituição do princípio de realidade em todos os seus aspectos, e ainda o pensamento, a ação, a intencionalidade; tudo isso depende da neutralização. É Hartmann que assinala ser a capacidade para neutralizar consideráveis quantidades energéticas, um dos indicadores da "força de ego".

Examinando o princípio de realidade, Hartmann²⁶, chama a atenção para o fato de que lhe são atribuídos dois significados na literatura psicanalítica. Assim se expressa:

"en un sentido, indica una tendencia a tener en cuenta de un modo adaptativo, en la percepción, el pensamiento

y la acción, cuanto se considere características "reales" de un objeto o de una situación... en un sentido mas estrecho, nos referimos primariamente al caso em que represente una tendencia a arrancar a actividades de la necesidad inmediata para la descarga inherente en el principio del placer". (.216).

De acordo com esse último sentido expresso acima é que o princípio de realidade pode ser entendido comopositor ou pelo menos modificador do princípio de prazer. Ainda assim Hartmann lembra que o próprio Freud frisou que sob a diretriz do princípio de realidade, o indivíduo procura conseguir um prazer seguro numa etapa posterior, por meio da renúncia ao prazer momentâneo. Além disso as atividades envolvidas no princípio de realidade podem se tornar prazerosas por si próprias.

O princípio de realidade tem relação com a autonomia secundária do ego que por sua vez está estreitamente vinculada a força do ego, sendo com certeza o melhor meio de avaliá-la. A autonomia secundária se refere à estabilidade das funções do ego. Como o processo de neutralização é que dá subsídios a essa autonomia, constata-se que quanto mais energia o ego é capaz de neutralizar, mais recursos e melhores condições resultam para seu contato com a realidade.

Essa relação com a realidade encontra base também na autonomia primária, isto é, em funções originadas no próprio ego. O acesso a essa se dá em termos de uma abordagem intrasistêmica, que tem sido relativamente pouco estudada embora relevante no que concerne a conceituação de "força de

ego". Em trabalho recente, White⁶⁴ com base na afirmação de Hartmann -- "... las actividades de las funciones (del yo) que constituyen el principio de realidad pueden ser placenteras por si mismas" (p.217). -- assinala a necessidade de complementar a teoria psicanalítica do ego através de conceitos de ação e eficácia. Propondo uma hipótese para analisar as energias independentes do ego, enfatiza o papel dos jogos no desenvolvimento da criança encontrando os fundamentos principais para desenvolver suas idéias na obra de Piaget^{41,42,43}.

Afirma White que para predizer uma adaptação relativamente exitosa, é preciso prestar atenção a forma pela qual as defesas adotadas na "crise" levaram a ação eficaz, desse modo exercendo efeito sobre o meio e fornecendo a base para um crescimento baseado na competência e confiança.

Para White, "força de ego" se relaciona com a competência adquirida e o sentido de competência. Sugere que se leve em conta as contribuições positivas da "efetância" que intervém construindo capacidades adaptativas, ajudando a enfrentar os perigos.

A "efetância" constitui um motivo que não exerce pressão compulsiva e sua satisfação progressiva depende de que a pessoa encontre novidades e se adapte a elas.

Ao lado da "efetância", deve ser considerado o sentido de competência que se opõe o desenvolvimento da ansiedade. A "efetância" se desenvolve entre os momentos de "crise", nas situações livres de conflito, e tem resultados significativos quando emerge o período "crítico".

Esse modo de entender "força de ego" é útil, em particular, para explicar os casos nada raros em que uma adaptação surge apesar de uma inância cheia de influência patológicas. O ensaio de White é mais um passo em direção ao desenvolvimento de uma psicologia psicanalítica do ego. Necessita no entanto, complementos para uma maior elaboração, através do estudo de outras funções do ego encontradas na área não conflitiva a fim de que se possa estabelecer tanto o intercâmbio como o desenvolvimento dessas funções.

É interessante observar que as origens do conceito "força de ego" são encontradas no domínio do ego não envolvido no conflito, embora sua expressão se manifeste nas lutas que se travam na esfera conflitiva do ego.

De maneira mais ampla, o conceito de "força de ego" encontra lugar com referência a adaptação e saúde mental. Tem sido equiparada a adaptação com o princípio de realidade e o processo psíquico secundário. Hartmann²⁶ mostra que essas relações não são estáticas e lineares, afirmando que a atitude mais racional não constitui necessariamente uma condição ótima para os propósitos adaptativos. Desse modo:

"... un yo sano há de ser capaz de servir se del sistema de control racional y al mismo tiempo de tener en cuenta el hecho de la naturaleza irracional de otras actividades mentales... Lo racional deve incorporar lo irracional como un elemento para sus designios" (p.22).

Nesse sentido, a "força de ego" se expressa através dessa capacidade de uso do "irracional" para fins "racionais".

As possibilidades de adaptação da estrutura psíquicas variam de acordo com o tipo de sociedade e com a classe social. Por exemplo, certo grau de compulsividade que em um grupo se manifesta como perturbação adaptativa, pode em outro, interferir e mesmo ser responsável pelo cumprimento de deveres sociais. Por esse motivo, é possível considerar diferentes possibilidades para resolver o conflito, e diversos graus de estabilidade psíquica que a estrutura social oferece ao indivíduo.

Finalmente, a contribuição de Schfer, dentro do contexto de psicanálise do ego, acrescenta novos aspectos às idéias de Hartmann, levando a uma síntese do significado conceitual de força de ego.

Entre os aspectos a que se refere, um é o predomínio dos processos psíquicos secundários sobre os processos psíquicos primários, ou seja, o princípio de realidade prevalecendo sobre o de prazer. Isto tem a ver com a relativa autonomia das funções do ego em relação às pulsões.

Quanto aos afetos, estando sob controle, operam como sinais dentro do ego; assim não repetam situações traumáticas, estando a disposição em ampla variedade e podendo ser usados em reações complexas.

A "força de ego" pode ser caracterizada pelo funcionamento do ego, mais ativo do que passivo; isso significa que nem é forçado a descarregar tensões sejam provenientes do id, superego ou de seus próprios interesses, nem é obrigado a gastos exaustivos contracatéticos a fim de dominar essas

tensões.

Pelo contrário, o ego usa livre e efetivamente suas energias para controlar, defender-se, modificar e descarregar tensões de acordo com o curso adaptativo e dentro de propósitos orientados à realidade.

Logo, há diversos modos no abordar o conceito "força de ego". Dos mais relevantes é o que se refere ao nível intersistêmico que pode ser interpretado através do papel que o ego desempenha face ao id por meio das defesas. Denota a relativa autonomia das funções do ego diante das pulsões guardando também vinculação com os processos psíquicos secundários e com o princípio de realidade. Observando ainda, do ponto de vista dinâmico, o funcionamento egóico mais ativo que passivo, pode-se entender a força de ego como a flexibilidade que esse apresenta ao lado da capacidade de persistência que lhe permite garantir seus limites.

CAPÍTULO V

REGRESSÃO A SERVIÇO DO EGO

Emaninando as defesas do ego, Anna Freud¹² encontra aspectos nitidamente adaptativos envolvidos por exemplo na identificação com o agressor. Em sua opinião, esse mecanismo é normal quando ego o usa no conflito com autoridade, isto é, "em seus esforços para lidar com os objetos de ansiedade" (.132). Revendo o mecanismo da intelectualização durante a puberdade, considero que é um recurso apropriado para lidar com o conflito instintivo, chegando a afirmar: "Esta intelectualização da vida instintiva (...) é uma das mais genéricas, mais antigas e necessárias aquisições do ego humano" (p.175).

Em relação a uma defesa específica, - a regressão - Hartmann²⁶, assinala que a forma como o termo é geralmente usado no sistema analítico, leva a pensar na conduta regressiva como antítese da conduta adaptada à realidade. Chama atenção para a distinção entre formas progressivas e regressivas de adaptação (p.25). Ao passo que adaptação progressiva é claramente a que se dá na direção do desenvolvimento, há também adaptações satisfatórias obtidas por meio de regressão - como nas atividades artísticas e nos dispositivos simbólicos para facilitar o pensamento, que são encontrados no campo científico. O sono, o orgasmo, são situações em que o ego precisa ser capaz de se abandonar ao id. A teoria do

sono é baseada na suposição da suspensão de catexis. Funções sexuais pressupõem um padrão regressivo semelhante, sendo a inability para tal suspensão do controle do ego um dos mais conhecidos sintomas do caráter obsessivo-compulsivo.

Constata-se que o exame das relações entre o ego e id pode esclarecer aspectos da adaptação à realidade, estreitamente ligada à "força de ego".

É Hartmann²⁶ que afirma:

"La fuerza de yo, en sus relaciones con el ello, consiste en encontrar vías que hagan posible la descarga; o, en otros casos, en imponer cambios de finalidades o de las formas de energía que intervienen; en la capacidad de crear contra-catexias; en su control de la percepción y la motilidad, y en su uso de la señal de peligro e el acceso al principio del placer y displacer". (p.146).

Para ilustrar melhor esse ponto, vale a pena examinar os processos envolvidos em certos comportamentos onde parece nitidamente uma reversibilidade ego-id.

A respeito dessa reversibilidade, Ernest Kris⁵² ... (1954) citado por Rapaport examina a dinâmica da experiência de invenção artística. Dá ênfase ao estilo mais que ao conteúdo, à comunicação mais do que às características auto-expressivas. Constata que os artistas tem acesso mais fácil ao material do id, sendo capazes de submetê-los à síntese do ego. A arte se desenvolve da ação mágica a uma forma de comunicação; em artistas psicóticos a arte regressa de uma forma de comunicação à ação mágica. A invenção artística ou inspiração é entendida como uma "regressão a serviço do ego"

de caráter temporário, ou ainda regressão controlada pelo ego. Esse mecanismo consiste em uma fase regida pelos processos psíquicos primários, seguida de outra em que o material que o artista considera útil é submetida à elaboração sintética de acordo com o processo psíquico secundário. "Quanto à criatividade artística, é fundamentalmente um processo de inspiração passiva -- regressiva -- implicando a seguir em elaboração ativa do material obtido passivamente". (p.571).

O processo total envolve esses momentos: passivo-ativo. Ocorre não apenas no plano artístico, como também na invenção científica e em particular no tratamento psicoanalítico. Nesse último, é justo a capacidade de "regredir para progredir" que permite se efetue a elaboração psíquica, levando à síntese egóica.

Paralelamente, e considerações meta-psicológicas são feitas por Rapaport⁴⁷ a respeito do processo passividade-atividade. Esses dois conceitos caracterizam relações da estrutura psíquica em geral e, em particular, do ego com pulsões e motivações derivadas destas.

Partindo de extensa apreciação do processo, tal qual aparece na obra de Freud, além de rever a literatura a respeito, Rapaport assinala que a dimensão passividade-atividade se refere não ao que se dá à experiência como ativo ou passivo, do ponto de vista do sujeito como observador.

A fim de esclarecer melhor o assunto, torna-se necessário o significado de cada um desses aspectos segundo Rapaport.

Passividade se refere à condição de desamparo do ego, face às demandas pulsiva, podendo apresentar duas formas. A primeira forma que pode apresentar se refere à total submissão e completa impotência do ego diante de demandas pulsivas gerando impossibilidade para executar uma ação pulsiva. Isso pode ser causado por um impasse entre defesas e exigências pulsivas, ou por um defeito no aparelho executivo egóico responsável pela descarga pulsiva em questão, ou ainda pela ausência do objeto de gratificação pulsiva. A segunda forma de manifestação da passividade é a execução imediata e direta -- ou dissimulada -- da exigência pulsiva através do ego sem consentimento deste (ou do superego), a bem dizer contradizendo as tendências egóicas. Nesse caso, a atuação pulsiva pode acarretar, num extremo, a paralização total do ego e, no outro, o descontrole do ego, por transposição de seus limites.

Atividade é definida como controle do ego sobre as demandas pulsivas, e pode-se apresentar sob duas modalidades. Na primeira, o controle egóico toma forma de defesa definitiva, ou efetiva, prevenindo a ação pulsiva.

A segunda modalidade de controle se dá pelo retardo da descarga pulsiva, induzindo, através do pensamento à ação experimental para a descoberta de um caminho mais seguro e mais curto em direção do objeto de pulsão; ademais permite comportamentos do "detour" para encontrar o objeto na realidade externa executando uma ação integrada que resulta em gratificação, isto é, descarga pulsiva.

A questão não é simples; alguns aspectos podem

ser levantados para mostrar a complexidade do assunto. Observações clínicas mostram que o processo de transformar passividade em atividade, mesmo com sucesso aparente, pode ou não levar à atividade tal como definida por Rapaport. A repetição compulsiva de experiências traumáticas segue esse padrão, e quando há falha resulta em sintoma ego -- distônico, fora do controle egóico. O mesmo pode se dar na transformação da atividade em passividade, no sentido ostensivo, enquanto o controle do ego sobre as demandas pulsivas permanece sustentado.

É necessário distinguir entre duas possibilidades:

1ª): o processo de transformação de atividade em passividade tem sucesso e resulta em perda de controle egóico, logo, em regressão;

2ª): o processo conquista passividade aparente mas permanece intrinsecamente em atividade, significando "regressão a serviço do ego".

A regressão, desse modo, adquire conotações bem distintas, dependendo de seu resultado. Enquanto uma das possibilidades em questão expressa "força de ego" -- a outra caracteriza perda com perspectiva patológica, tornando-se útil tentar uma descrição de ambas. Isso pode servir de base ao diagnóstico diferencial que ganha esclarecimento partindo do exame de fenômeno da "regressão".

Regressão em Freud, aparece com referência a "libido", "ego", e "objeto". É um conceito descritivo, significando na maioria das vezes, "retorno a uma fase evolutiva an-

terior". A respeito de regressão, na "Interpretação dos Sonhos" (1900), Freud¹⁵ assim se expressa:

"Distinguimos aquí tres clases de regresión: a): una regresión tópica, en el sentido del esquema de los sistemas ψ , [aparelho psíquico]; b): una regresión temporal, en cuanto se trata de un retorno a formaciones psíquicas anteriores; c): una regresión formal cuando las formas de expresión y representación acotrumbadas quedan sustituidas por formas correspondientes primitivas". (p.550).

Sendo a regressão formal equivalente a destruturação no sentido jacksoniano, é estabelecida com base em uma hierarquia funcional do aparelho psíquico. Então, os fenômenos em que há retorno do processo psíquico secundário ao processo psíquico primário, podem ser interpretados nesses termos.

McDogall, citado por Lewin acentua que o comportamento regressivo não precisa ser idêntico a algum comportamento que o indivíduo tenha apresentado anteriormente. Observa que a pessoa regredida mostra comportamento primitivo mas de novo tipo.

É possível ainda, segundo Lewin³⁶, distinguir regressão e retrogressão. A primeira tem significado mais amplo envolvendo mudanças em direção a uma conduta mais primitiva; no caso de retrogressão, observa-se volta a um tipo de comportamento característico de estágio anterior na história de vida da pessoa, levando em conta apenas as diferenças e semelhanças na sequência temporal.

O fenômeno da regressão inclui um aspecto históri

co - que se refere a seqüência de estilos de comportamento no desenrolar da vida e um aspecto sistemático - que se refere às condições de mudança que ocorrem num determinado tempo. "A questão sistemática encontra resposta em parte, pela referência às propriedades de estrutura e dinâmica do campo - "espaço de vida" - que existe num determinado tempo"³⁷ (p. 105).

Dentro desse contexto passa-se a examinar os tipos de regressão, enfatizando a que caracteriza "força de ego". Na análise da "regressão a serviço de ego", constata-se que surge em dois momentos do processo criativo: êxtase e inspiração.

N. êxtase, o processo resulta em um climax emocional apenas, ao passo que nos estados de inspiração leva a elaboração ativa na criação. O processo é dominado pelo ego, de acordo com seus próprios propósitos, para a sublimação na atividade criativa. Rapaport⁴⁷ cita uma formulação mais ampla de Kris:

"Topographically, ego regression (primitivization of ego functions) occurs not only when the ego is weak - in Sleep, in falling asleep, in fantasy, in intoxication and in the psychoses - but also during many types of creative processes. This suggested to me years ago that the ego may use the primary process and not be only overwhelmed by it". (p.556).

A posição de Kris é baseada na observação de Freud de acordo com a qual o pensamento pré-consciente penetra por um momento na elaboração inconsciente, desempenhando papel em ampla variedade de processos criativos e inventivos.

Hartmann²⁷ também expressa que, sob certas condições, o ego regula a regressão. Além disso, as funções integradas ao ego, incluem uma retirada voluntária e temporária das catexis de uma área para outra no sentido de recuperar um controle mais aperfeiçoado.

A "força do ego" guarda estreita relação com o mecanismo de "regressão a serviço do ego". Uma das características da "força de ego" é a reversibilidade, sem perda de seus próprios limites. Há diferenças apreciáveis no grau em que as funções do ego mantêm sua estabilidade, e, no adulto, a reversibilidade parcial - como ocorre na "regressão e serviço do ego" - não é suficiente para causar transtornos. O pensamento criador (insight, invenção, inspiração), onde surge com mais clareza o mecanismo, é uma atividade estritamente relacionada ao processo psíquico secundário.

Nesse sentido, o pensamento criativo pode ser visto como uma expressão de "força de ego", justificando um exame de alguns aspectos envolvidos naquele.

De início, quando uma idéia inconsciente vem à consciência, o ego suspende momentaneamente sua função de "censura" para retomá-la depois. Em termos de dinâmica energética, as distribuições de energias contracatéticas deixam de atuar por algum tempo, sendo parte dessa energia provavelmente usada para hipercatexizar a idéia primitiva que surge. Essa é a fase inventiva que segue as normas do processo psíquico primário. A idéia que emerge pode tomar várias formas: - uma vaga "sensação" geral, um padrão esque-

mático, um fragmento verbal ou visual.

A fase elaborativa transforma o produto inventivo idiossincrático do indivíduo em comunicação social da arte ou da ciência. Isto é, um trabalho de reforçamento de barreiras contracatóticas se dá lentamente. A catexis é dirigida às funções do ego encarregadas do texto da realidade, o que permite a elaboração daquela idéia primitiva numa forma de efetiva comunicação.

Fica evidenciado que o pensamento produtivo e criador apresenta, geralmente, caráter bifásico surgindo em maior extensão sob forma pré-consciente. Além disso, as duas fases envolvidas -- inventiva e elaborativa -- parecem guardar continuidade sem rupturas.

Com referência à invenção, por exemplo, vem à consciência sob forma de padrões esquemáticos de pensamento, expressos em modalidades quase-estáveis de antecipações pertencentes a diversos níveis hierárquicos motivacionais. São as motivações pertencentes a impulsos reprimidos que parecem ter papel específico no pensamento criador.

No entanto para que o impulso reprimido ou as representações ideativas possam resultar em pensamento criador atingindo a consciência, devem trazer consigo padrões quase-estáveis, por meio dos quais o impulso reprimido ou a representação ideativa podem traduzir-se em expressões tanto científicas como artísticas.

Assinala Rapaport⁴⁴ que a passagem de um nível inconsciente, pré-consciente a outro dominado pela consciên-

cia não é absoluta. Assim, embora o pensamento opere com base em um conjunto de normas autônomas, a intuição e a inspiração têm lugar no pensamento científico e criativo abstrato. O modo de pensar supostamente ordenado, lógico, do processo psíquico secundário, está impregnado de conteúdo ilusório, e de erros formais próprios de formas arcaicas da organização do pensamento.

As variações dos estados de consciência podem se expressar patologicamente. Em certas neuroses o prejuízo do aspecto consciente se revela na ausência de "insight" pela incapacidade de conceber mudanças no próprio estado; também se evidenciam distúrbios de consciência em estados de despersonalização, personalidade múltipla, perda de identidade e ne-
sias. A maioria das psicoses não é percebida conscientemente como enfermidade, assim como também não o são as alucinações, delírios e fenômenos relacionados.

Alguns outros estados representativos de baixa de consciência, sem ter necessariamente maiores implicações patológicas, são os produzidos por consaço extremo, hipnose e sonhos. Nesses, aparecem vestígios do pensamento préconsciente, do maior significado nas fantasias dos pacientes submetidos à psicanálise.

Os sonhos e os processos do pensamento préconsciente utilizam tanto catexis neutralizadas como catexis pulsivas em diversos graus de neutralização. Esses processos não são sempre conscientes necessitando uma catexis de atenção adicional - hipercatexis - para converter-se em tais. As

sim sendo aparecem num estado de consciência diferente do da vigília normal podendo supor-se que a hipercatexis que fornece o aspecto consciente a esse estado, segue normas específicas.

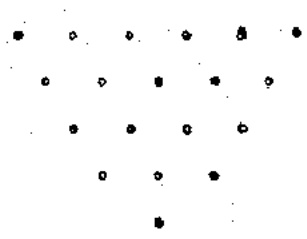
Há uma distribuição de energia contracatética que controla a transição dos processos préconscientes dos conscientes. Logo, consciência existe numa série contínua de formas que dependem, por um lado, das distribuições energéticas contracatéticas capazes de impedir invasões súbitas de fenômenos típicos do "id", e por outro lado das hipercatexis disponíveis. Parece haver uma hierarquia energética de controle da consciência.

O pensamento criador, como o fenômeno da regressão não pode ser explicado com referência apenas a dinâmica energética, sendo necessário considerar os fatores estruturais, segundo frisam Lewin³⁵ e Rapaport⁴⁵.

Esses, correspondem à capacidade do ego para uma renúncia temporária ao controle -- contracatexis -- e a existência de padrões de pensamento quase estáveis derivados de antecipações pertencentes a impulsos reprimidos.

Em suma, a "repressão a serviço do ego" é uma das formas pelas quais se expressa a "força do ego". O caráter adaptativo dessa modalidade regressiva, guarda estreita relação com os processos psíquicos secundários, ao mesmo tempo que permite o uso de ampla variedade de recursos internos incluindo formas arcaicas de pensamento típicas dos processos psíquicos primários. Pode ainda, a "regressão a serviço do

ego", ser observada nos processos criativos da arte e da ciência, tornando-se fenômeno do maior interesse na constatação da relatividade dos tipos de funcionamento psíquico, ressaltando a flexibilidade do ego, aliada a sua capacidade de integração psíquica. Conclui-se que poder regredir para progredir, decorre da estabilidade do ego, portanto de sua força.



CAPÍTULO VI

FORÇA DE EGO NO PROGNÓSTICO PSICOLÓGICO

Levantando brevemente as perspectivas de aplicabilidade do conceito de força de ego, cabe lembrar que o mesmo tem sido amplamente usado no psicodiagnóstico de Rorschach por diversos autores, entre os quais Bohm, Schafer, Kadinsky, Salomon, Smith e Johnson.

Ewald Bohn³ registra que "força de ego" e "debilidade do ego" são conceitos que só foram elaborados depois de Freud, embora partindo desse. Mostra que às vezes são confundidos com outros conceitos como "astênico" e "estênico" — esse último, introduzido por Bohm em "Rorschachiana VII", ao lado do anterior, criado pelo próprio Rorschach. É ainda Bohm que sugere as síndromes de "força de ego" e "debilidade de ego".

Embora reconheça a imprecisão do termo, Bohm fri que não pode ser esquecido no prognóstico psicológico. Considerando principalmente a síndrome de "debilidade de ego" esse autor a maneja em correspondência com uma "síndrome de instabilidade" e uma de controle "insuficiente da realidade".

Schafer^{58,59} fala em $F + \%$ (determinante formal bem visto) como o mais importante sintoma de controle da realidade. O correto controle da realidade que, em sua opinião, é o sinal mais importante de força de ego, utiliza como parâmetro $F + \%$ ampliado que é calculado incluindo respostas B, FFb, F(Fb) e FHd.

É a contribuição de Kadinsky, citado por Bohm³, partindo da tripla dos extratos, que dá válidas indicações para o diagnóstico da "debilidade do ego" - em contraste de "força de ego". Segundo ele, na esfera da vivência, o índice mais importante são as Fb puras - respostas de cor pura.

Indicam que o ego se mostra incapaz de submeter sua vivência aos critérios conscientes. Na esfera da atitude consciente, as G indiferenciadas, primitivas, falam em favor da debilidade do ego entendida como passividade do mesmo. No campo dos interesses, os conteúdos indeterminados, isso é, de nomações de cor e F - imprecisas ou as FbF - (como "figuras", "imagem") - denotam debilidade do ego, expressando falta de interesses, apatia e indiferença. Finalmente, transtornos de interpretação manifestam certa debilidade do ego, podendo ser considerados como indicativos do aparecimento súbito das pulsões na área consciente, fora de controle do ego.

Constata-se que Kadinsky amplia mais o conceito, ainda impreciso, de "debilidade de ego". E alguns trabalhos aplicados citados por Bohm mostram que os neuróticos apresentam choques e outros transtornos de interpretação mas são estes precisamente quem tem ego mais forte, - no sentido de Anna Freud - exceto em algumas neuroses específicas como as masoquistas de caráter. A observação da relativa força de ego em neuroses decorre de compará-las com psicoses e psicopatias.

Salomon⁵⁷ acrescenta outros sintomas designativos de debilidade do ego. Um é não ver a simetria, o que é

considerado sinal de um ego narcisistamente empobrecido e debilitado; outro provém de sua técnica de dupla administração, permitindo um julgamento mais dinâmico de todos os fatores de debilidade do ego citados sobretudo o $F + \%$. Então, se na primeira administração há poucas respostas, inclusive às vezes fracassos e na segunda, muitas respostas novas, porém mal vistas, ou seja, com baixo $F + \%$, isso indica um aparecimento do material reprimido e uma regressão do ego que só aparece no ego débil - sinal muito desfavorável para o prognóstico.

Smith e Johnson⁶⁰, em investigações taquistoscópicas encontraram que as depressões e projeções leves (do tipo de sensibilidade) respondem bem ao tratamento psiquiátrico - de tipo: eletrochoque, psicofármacos, e psicoterapia) ao passo que os casos em que aparece regressão, isolamento e projeções de tipo paranóide são refratários a psicoterapia.

Bohm observa que Smith e Johnson não se referem a psicanálise, por meio da qual se obtém bons resultados nas neuroses histéricas, por exemplo. Bohm destaca a "censura" como meio de observar as relações entre energia de ego e força pulsiva. Quando há tendência ao aparecimento de algo reprimido, o ego tenta ocultar essa manifestação por reforço da tensão repressora. Obtendo sucesso, as respostas de complexo correspondentes são reprimidas mais fortemente - censura inicial - expressando um ego enérgico, ou em caso de dúvida, uma neurose. Se o ego não consegue suprimir o mate-

rial reprimido, esse chega a irromper -- censura inicial -- denotando ego débil e no diagnóstico diferencial é possível pensar em psicose psicógena ou de outro tipo ou pelo menos, de uma disposição para tal. Pode também, tratar-se de uma perversão que sempre tem como condição prévia uma certa debilidade do ego e quase sempre assinala também uma carga psicótica familiar.

Conforme a discussão teórica efetuada no trabalho, de acordo com a proposta de usar a regressão a serviço do ego como indicativo de força de ego, examina-se a seguir estudo relacionado a esse aspecto.

Quanto a esse tipo de regressão, os trabalhos de Holt^{28,29,30}, principalmente, se voltam a uma tentativa de discriminar regressão adaptativa e regressão não-adaptativa no teste de Rorschach. Para tal assinala a necessidade de um método detalhado e explícito para medir manifestações do processo primário, incluindo uma maneira de acesso ao grau em que tais produtos do pensamento são adaptativos ou não. Fala do papel atribuído por Freud à energia psíquica no processo psíquico primário registrando a afirmação de Gill sobre a possibilidade de operacionalizar adequadamente o conceito.

Indica Holt que tal operacionalidade conceitual encontra terreno adequado no psicodiagnóstico de Rorschach, propondo então um método para investigar os sinais de processo psíquico primário que aparecem nas respostas desse teste -- concernentes a conteúdo, forma, defesa e controle.

A afirmação de que conteúdo do tipo claramente libidinal ou agressivo em situação de teste objetivamente neutro indica dominação pulsiva, característica do processo primário é o ponto de partida para elaboração de uma lista de categorias pulsivas por parte de Holt. Inclui sete categorias de conteúdo libidinal e três de conteúdo agressivo, assinalando que cada um desses dez tipos foi subdividido em dois níveis, dos quais o nível 1 é mais típico de id enquanto o nível 2 é mais socializado..

Em colaboração com Havel, Holt³¹ apresenta uma série de contagens para tratar aspectos formais que se elevam a um total de quarenta categorias; entre as classificadas no nível 1 são incluídas: oito formas de condensação, seis de deslocamento, cinco de simbolismo, quatro de contradição e alguns tipos de raciocínio sutístico.

É necessário ainda examinar a organização defensiva do sujeito, particularmente o grau de controle sobre o pensamento regressivo. Essa parte do sistema inclui quarenta e quatro variedades, algumas das quais subdivididas de acordo com sua efetividade. As categorias são grupadas em quinze tipos de afastamento, quatro contextos (cultural, estético, intelectual e humorístico) cada um dos quais é subdividido em tentativas exitosas ou não. Aparecem ainda onze defesas patológicas, quatro tipos de abertura, três contagens de seqüência, diversos tipos de transformações adaptativas e algumas medidas de demora e reflexão na resposta.

A fim de distinguir entre regressão adaptativa e

não-adaptativa, torna-se necessário avaliar cada resposta em quatro escalas, uma vez decidido que categorias podem ser aplicadas. A avaliação da resposta total a partir de escalas quantitativas é feita através de quatro categorias: defesa de demandas (DD), defesa efetiva (DE), nível formal e escala de criatividade (Cr). Finalmente oferece interessante sumário de contagens para avaliar o registro do teste como um todo.

O estudo de Holt é da maior importância pela sistematização e tratamento operacional oferecido ao assunto, o que vem permitindo uma elaboração e trabalho experimental cada vez maior.

Outros estudos ainda surgem de cunho empírico examinando a criatividade e o processo primário no Rorschach, como os de Cohen⁶ (1960), Rogolsky⁵⁵ (1968), Dudek⁷ (1968) e em especial destaque Guilford^{20,21} (1950,1967), além de Pine e Holt³² (1960) - aqui citados como evidência do crescente interesse desse o.

Logo, sendo uma área aberta de discussão e permitindo quantidade considerável de questões a serem respondidas através de pesquisas no plano teórico e experimental, o conceito de força de ego cuja importância central é assinalada no diagnóstico e prognóstico, pode aqui encontrar sugestões de tratamento operacional.

C O N C L U S Ã O

O exame do conceito de "força de ego" parece um bom meio de se explorar o papel do ego em suas relações intersistêmicas, intrasistêmicas e com a realidade — particularmente as primeiras, aqui desenvolvidas, o que permite estabelecer ligações com as hipóteses teóricas dos processos psíquicos e da autonomia relativa do ego.

Orientado o trabalho por idéias que surgem de uma revisão de estudos de psicanálise, as proposições de Hartmann serviram como ponto central a partir do qual foi possível — aproximação ao conceito de "regressão a serviço do ego" de Kris, e uso do modelo atividade-passividade de Rapaport.

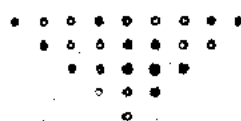
A formulação de Schafer e a contribuição de Kandinsky permitiram a elaboração final do trabalho apontando as implicações do conceito de "força de ego" no prognóstico psicológico através do teste de Rorschach.

Foi observada a exiguidade de estudos experimentais a respeito do assunto, o que leva a constatar uma lacuna no conhecimento e coloca a necessidade de desenvolvimento desse tipo de abordagem.

Isso decorre, em parte da natureza do próprio conceito que se apresenta ainda muito aberto sendo altamente trabalhável em termos teóricos e experimentais.

Por esse motivo e a partir da revisão e sistematização procedidas, somente foi possível concluir sobre a

utilidade da regressão como uma variável passível de ser identificada, mostrando-se instrumento para fins diagnósticos e prognósticos como indicativo de "força de ego".



B I B L I O G R A F I A

1. Allport, Gordon W. - Psicología de la personalidad (Paidós, Biblioteca psicología de la personalidad - Editorial Paidós, Buenos Aires 1961) p.17-381.
2. Barros, C. P. - Thermodynamic and evolutionary concepts in the formal structure of Freud's metapsychology. In: "The World biennial of psychiatry and psychotherapy". (Basic Books, 1970).
3. Bohm, Ewald - Manual del Psicodiagnostico de Rorschach. (Ed. Morata, Madrid, 1970).
4. _____ - Vademecum del test de Rorschach. (Ed. Morata, Madrid, 1968).
5. Carmichael, Leonard - Manual de Psicología infantil. - Vols. I e II. (Librerie "El Ateneo" Editorial, Barcelona, 1964).
6. Cohen, I. H. - "An Investigation of the Relationship between Adaptive regression, Dogmatism and Creativity Using the Rorschach and Dogmatism Scale" - in Developments in the Rorschach technique - Vol. III - (Harcourt Brace Jovanovich, Inc., New York, 1954).
7. Dudek, S. Z. - "Regression and Creativity: A comparison of the Rorschach Records - of Incessful versus Unsuccessful Painters and Writers" - in Developments in the Rorschach Technique - Vol. III (Harcourt Brace Jovanovich, Inc., New York, 1954).
8. Erikson, Erik, H. - Identidad, Juventud y crisis (Ed. Paidós, Buenos Aires, 1971). (p. 170-188).
9. _____ - Identity and the life cycle (International Universities Press, Inc., New York, 1959).
10. Fenichel, Otto - Teoría psicanalítica de la neurosis (Editorial Paidós, Buenos Aires, 1966), p.17-47.
11. Freud, Anna - Difficulties in the path of psychoanalysis (International universities Press, Inc. New York, 1968).

12. Freud, Anna - O Ego e os mecanismos de defesa.
(Biblioteca Universal Popular,
Rio de Janeiro, Brasil, 1968).
13. Freud, S. - El "Yo y el "ello". Obras comple-
tas - Vol.II (Ed.Biblioteca Nue-
va de Madrid,1968), p.9-30.
14. _____ - Inhibición, Sintoma y Angustia.
Obras completas. Vol.II (Ed.Bi-
blioteca Nueva de Madrid,1968),
p.31-69.
15. _____ - La interpretación de los sueños.
Obras completas. Vol.I (Ed.Bibli-
oteca Nueva de Madrid,1968), p.
531-584.
16. _____ - Una Teoria Sexual. Obras Comple-
tas. Vol.I (Ed.Biblioteca Nueva
de Madrid,1968), p.817-823.
17. _____ - Proyecto de una psicología para
neulogos. Obras completas.Vol.III
(Ed.Biblioteca Nueva de Madrid,
1968), p.883-968.
18. _____ - Esquema del psicoanálisis. Obras
completas. Vol.III(Ed.Biblioteca
Nueva de Madrid,1968)
19. Grimmer, L. & Rebecca - Identidad y cambio.
(Ed.Kargiema, Buenos Aires,1971)
20. Guilford, J.P. - "Creativity in Developments in
the Rorschach Technique."
Vol.III (Harcourt Brace Jovanovi-
ch Inc., New York, 1954).
21. _____ - "The nature of Human Intelligen-
ce - in Developments in the.....
Rorschach Technique.
Vol.III (Harcourt Brace Jovanovi-
ch, Inc., New York, 1954).
22. Guntrip, Harry - Psychoanalytic theory therapy and
the self.
(The Hogarth Press, London, 1971).
23. _____ - Estructura de la personalidad e
interaccion humana
(Biblioteca de psicología profun-
da editorial Paidós, Buenos Aires,
1971).

24. Hall, C.S. e
Lindzoy, G. -- Teorias da Personalidade.
(Ed. Herder, S. Paulo, 1966, p. 233-286;
329-371; 509-548).
25. Hartmann, Heinz -- Psicologia do Ego e o problema da
adaptacao.
(Biblioteca Universal Popular, Rio
de Janeiro, 1968).
26. ----- -- Ensayos sobre la psicologia del Yo.
(Ed. Fondo de Cultura Economica, Me
xico, 1969).
27. Hartmann, Heinz, e
Kris, Ernest e
Lewenstein, Rudolph
M. -- Papers on psychoanalytic psycholo
gy in Psychological issues.
(International University Press,
Inc., New York, 1964).
28. Holt, R.R. -- Cognitive Controls and Primary
Processes.
in Developments in the Rorschach
Technique. Vol. III (Harcourt Bra
ce Jovanovich, Inc., New York, 1954).
29. ----- -- "Measuring Libidinal and Aggressi
ve Motives and their controls by
means of the Rorschach Test".
(Nebraska Symposium on Motivation
1966) - in Developments in the Ro
rschach Technique. Vol. III. (Har
court Brace Jovanovich, Inc., New
York, 1954).
30. ----- -- "Manual for the Scoring of Prima
ry Process Manifestations in Ro
rschach Responses".
In Developments in the Rorschach
Technique. Vol. III (Harcourt Brace
Jovanovich, Inc., New York, 1954).
31. Holt, R. e Havel, J. -- "A Method for Assessing Primary
and Secondary Process in the Ro
rschach.
In Developments in the Rorschach
Technique. Vol. III (Harcourt Bra
ce Jovanovich, Inc., New York, 1954).
32. Holt, R. & Pine, F. -- "Creativity and Primary Process A
Study of Adaptive Regression".
In Developments in the Rorschach
Technique. Vol. III (Harcourt Brace
Jovanovich, Inc., New York, 1954).

33. Jacobson, Edith - El self (si mesmo) e el mundo ob-
jetal.
(Ed. Beta, Buenos Aires, 1969), p. 17-98)
34. Laplanche, J. e Pontalis, H.B. - Vocabulário da Psicanálise.
(Livraria Martins Fontes, Santos, Brasil, 1970)
35. Lewin, Kurt. - Dinamica de la personalidad.
(Ediciones Morata, S.A. - Filosofía-Psicología-Pedagogía - Madrid, 1969), p. 53-188.
36. ----- - Psychologie Dynamique les rela-
tions humaines.
(Presses universitaires de France 1967).
37. ----- - Teoria de Campo em Ciência Social
(Livraria Pioneira Editora, Sao Paulo, 1965), p. 147-174; 267-338; 339-377;
38. Mead, George H. - Espiritu, Persona y Sociedad.
(Ed. Paidós, Buenos Aires, 1972), p. 167-248.
39. Nuttin, Joseph - Psicanálise e Personalidade.
Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1964).
40. Parons, Henri e Saul, Leon J. - Dependence in man.
(International University Press, Inc., New York, 1971).
41. Piaget, J. e Inhelder, Barher - A psicologia da criança.
(Saber Atual - Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1968).
42. Piaget, Jean. - Seis estudos de Psicologia.
(Coleção Culturas em Debate - Forense, Rio de Janeiro, 1967).
43. Piaget, J. y otros - El lenguaje y el pensamiento del niño pequeño.
(Biblioteca del Educador Contemporáneo - Paidós, Buenos Aires, 1965).
44. Rapaport, David - Hacia una teoría del pensamiento.
(Editorial Escuela, Buenos Aires, 1959).

45. Rapaport, David -- The autonomy of the Ego (1951)
in "The Collected papers of David Rapaport" (Ed. Merton M. Gill - Basic Books, Inc. Publishers, London, 1967).
46. ----- -- The conceptual Model of psychoanalysis (1951)
In "The collected papers of David Rapaport" (Ed. Merton M. Gill - Basic Books Inc. Publishers, London, 1967).
47. ----- -- Some Metapsychological considerations concerning activity (1953).
In "The collected papers of David Rapaport. (Ed. Merton M. Gill - Basic Books, Inc. Publishers, London, 1967),
48. ----- -- Present - Day Ego Psychology (1956)
In "The collected papers of David Rapaport" (Ed. Merton M. Gill, Basic Books, Inc. Publishers, London, 1967)
49. ----- -- The Theory of Ego Autonomy: A Generalization (1957)
In "The collected papers of David Rapaport. (Ed. Merton M. Gill Basic Books, Inc., Publishers, London, 1967).
50. ----- -- A historical survey of Psychoanalytic Ego Psychology (1958)
In "the collected papers of David Rapaport" (Ed. Merton M. Gill Basic Books, Inc., Publishers, London, 1967).
51. ----- -- The Points of view and Assumptions of metapsychology.
In "The collected papers of David Rapaport" (Ed. Merton M. Gill, Basic Books, Inc., Publishers, London, 1967).
52. ----- -- Psychoanalytic Explorations in art (1954)
In "The collected papers of David Rapaport" (Ed. Merton M. Gill, Basic Books, Inc., Publishers, London, 1967)
53. Rapaport, D. & Gill, M. -- The points of view and Assumptions of Metapsychology.

- In "The collected papers of David Rapaport (Ed. Merton M. Gill, Basic-Books, Inc., Publishers, London, 1967).
54. Rogens, Carl e
Kingo, Marian -- Psicoterapia y relaciones humanas
Vol. I (Ed. Alfaguara, Madrid, 1967).
55. Rogolsky, M. M. -- "Artistic Creativity and Adaptive
Regression in third grade chil-
dren.
In Developments in the Rorschach
Technique. Vol. III (Harcourt Bra-
ce Jovanovich Inc., New York, 1954).
56. Ricroft, Charles -- A critical Dictionary of Psychoa-
naly of Psychoanalysis.
(Basic-Books Inc. Publishers, New
York, 1968).
57. Salomon, Fritz -- Diagnostic des mecanismes de de-
fense dans le Test Z individuel
et collectif.
In Developments in the Rorschach
Technique. Vol. III (Harcourt Bra-
ce Jovanovich, Inc., New York,
1954).
58. Schafer, Roy -- Projective testing and psychoana-
lysis.
(Ed. International Universities
Press, 1967).
59. ----- -- Psychoanalytic Interpretation in
Rorschach Testing Theory and.....
application.
(Ed. Grune Stration, N. York, 1954).
60. Smith, J. W. e
Johnson, G. -- "The influence of Psychiatric....
Treatment upon the process of re-
ality construction: an investiga-
tion utilizing the results of a
social tachistoscopic Experiment.
In Developments in the Rorschach
Technique. Vol. III (Harcourt Brace
Jovanovich Inc., New York, 1954).
61. Spitz, René A. -- No Y Si.
(Ediciones Horme S.S.U., Ed. Paidós
Buenos Aires, 1966.

62. Spitz, René A. -- La Formación del Yo.
(Biblioteca de psicología - Centro editor de America Latina, Buenos Aires, 1968).
63. Symonds, P. M. -- The Ego and the Self.
(Ed. Appleton, Century Crofts, New York, 1951).
64. White, Robert W. -- El Yo y la Realidad en la Teoría Psicoanalítica.
(Biblioteca de psicología profunda, Editorial Paidós, Buenos Aires, 1973).
65. Winnicott, D.W. -- La esquizofrenia infantil en términos de fracaso de adaptación.
In Psicosis Infantil (Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires, 1971).
66. Wisdom, J. O. -- "A Methodological Approach to the Problem of History".
In Identidad y Cambio (Ediciones Kargieman, Buenos Aires, 1971).
67. _____ -- "Comparación y Desarrollo de las Teorías Psicoanalíticas sobre la Melancolía".
In Identidad y Cambio (Ediciones Kargieman, Buenos Aires, 1971).
68. Wyss, Dietter -- Las Escuelas de Psicología Profunda.
(Ed. Gredos, Madrid, 1964).

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~  
~~~~~  
~~~~~



Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Aroldo Rodrigues  
Prof. Aroldo Rodrigues, Ph.D.

Angela Podkameni  
Professora Angela Podkameni, Ph.D.

Yonne Moniz Reis  
Professora Yonne Moniz Reis

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 25 de março de 1974

---

Carlos Nascimento Silva  
Coordenador de PG do CTCH